

Dossiê temático “Estudos marxistas sobre comunicação e cultura”

Apresentação

Verlane Aragão Santos

Doutora em Desenvolvimento Econômico pela Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Professora da Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Contato: velorca2010@gmail.com

Helena Martins do Rêgo Barreto

Mestra em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (UFC)

Doutoranda em Comunicação Social pela Universidade de Brasília (UnB)

Contato: mb.helena@gmail.com

1 BENJAMIN, W. Rua de mão única. Obras escolhidas. Volume 2. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 46.

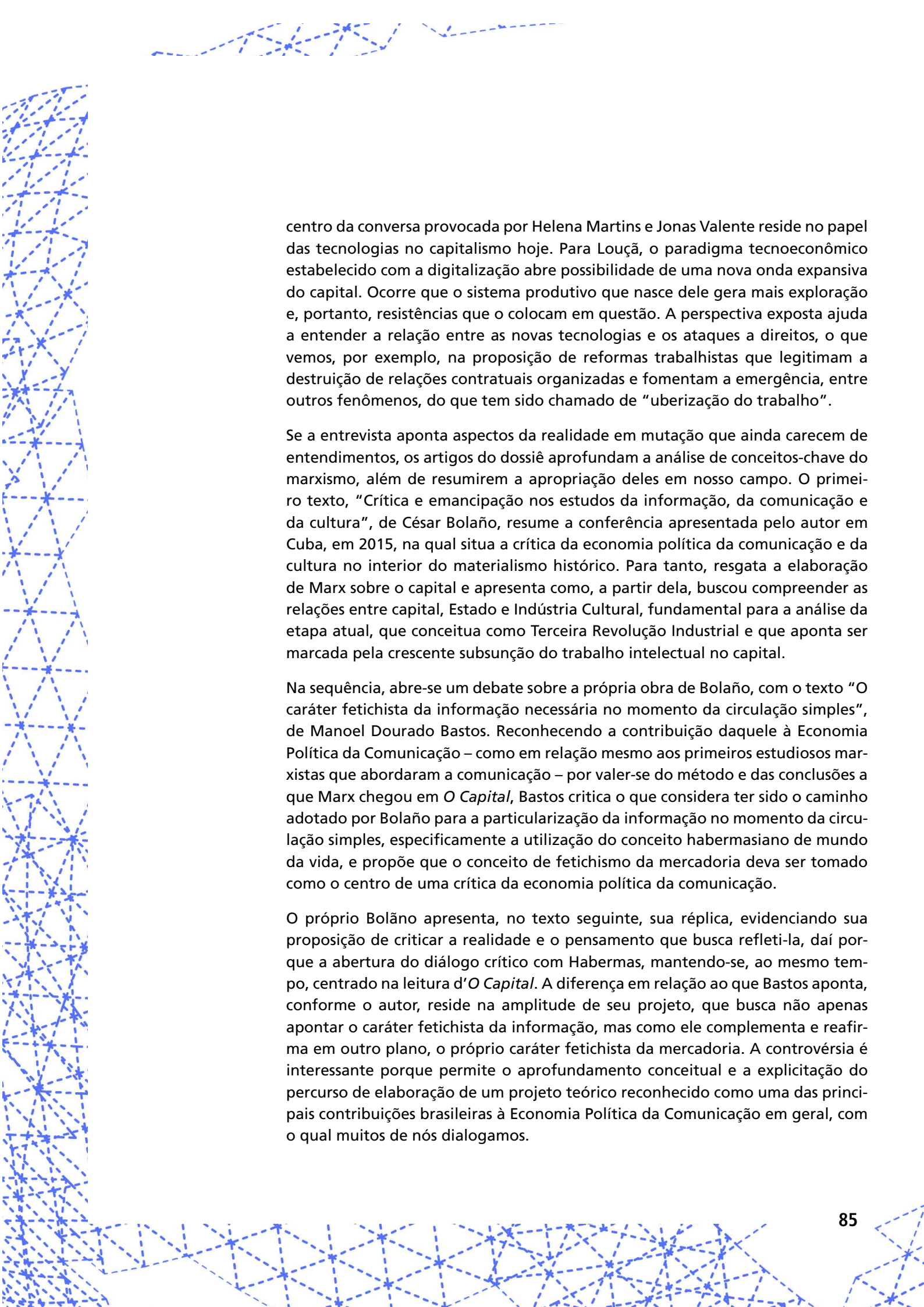
2017 é um ano repleto de efemérides. A mais marcante delas para o projeto do dossiê temático “Estudos marxistas sobre comunicação e cultura” é a publicação do primeiro volume de *O Capital*, de Karl Marx (1818-1883), 150 atrás. A homenagem decorre do entendimento de que os elementos da crítica marxista têm contribuído sobremaneira para o desenvolvimento do pensamento comunicacional, ao longo do século XX e deste, ao evidenciar o papel dos meios na acumulação de capital; a mercantilização da cultura e suas especificidades; o processo de subsunção do trabalho intelectual; as resistências no âmbito da produção e da recepção dos produtos culturais; a ideologia que orienta a produção dos conteúdos midiáticos e a desigualdade nos fluxos comunicacionais entre diferentes países, entre outras questões.

O ano também marca uma década da mais profunda crise vivenciada pelo capitalismo, em seu estágio atual. A recessão de 2007 trouxe à tona destacadas características do sistema hoje, entre as quais a dominância financeira, para a qual são imprescindíveis as redes telemáticas que interligam países e estruturas produtivas que por todo o mundo se estendem, e a expansão da lógica da mercadoria, viabilizada pela intensificação dos processos de abertura comercial e liberalização financeira, que a praticamente tudo contamina. Não à toa, reacendeu o debate sobre as crises e os ciclos do capital, bem como o interesse pela leitura de Karl Marx, cujos postulados teóricos mostram-se fundamentais para quem busca compreender tais fatos.

Por fim, e não menos importante, registra o centenário da Revolução Russa de 1917, marco histórico que nos faz lembrar que, apesar de sua capacidade de adaptação, o sistema capitalista carrega contradições que podem, no transcorrer da história e como resultado da luta de classes, ocasionar rupturas. O tempo é hoje e as tarefas estão postas, pois, como disse Benjamin¹, “(...) se a eliminação da burguesia não estiver efetuada até um momento quase calculável do desenvolvimento econômico e técnico (a inflação e a guerra de gases o assinalam), tudo estará perdido. Antes que a centelha chegue à dinamite, é preciso que o pavio que queima seja cortado”.

Sabemos que, para transformar a realidade, é preciso conhecê-la. Partir do concreto da realidade social e buscar elucidar suas lógicas mais profundas, em geral não evidentes. Nesse sentido, as diferentes abordagens sobre comunicação, informação e cultura contidas neste dossiê resgatam os conceitos centrais presentes na obra máxima de Marx, problematizam-nos e os colocam em diálogo com outras perspectivas teórico-metodológicas, a fim de analisar a comunicação, abordada apenas lateralmente em *O Capital*, tendo em vista que ela hoje se configura como elemento central para a arquitetura do sistema.

O dossiê tem início com a entrevista do economista Francisco Louçã, professor catedrático do Departamento de Economia do Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG) da Universidade de Lisboa e autor de livros como *Ciclos e Crises no Capitalismo Global - Das revoluções industriais à revolução da informação* (Edições Afrontamento, 2004), escrito em parceria com Chris Freeman; e *Sombras - a desordem financeira na era da globalização* (Bertrand, 2017), com Michael Ash. O

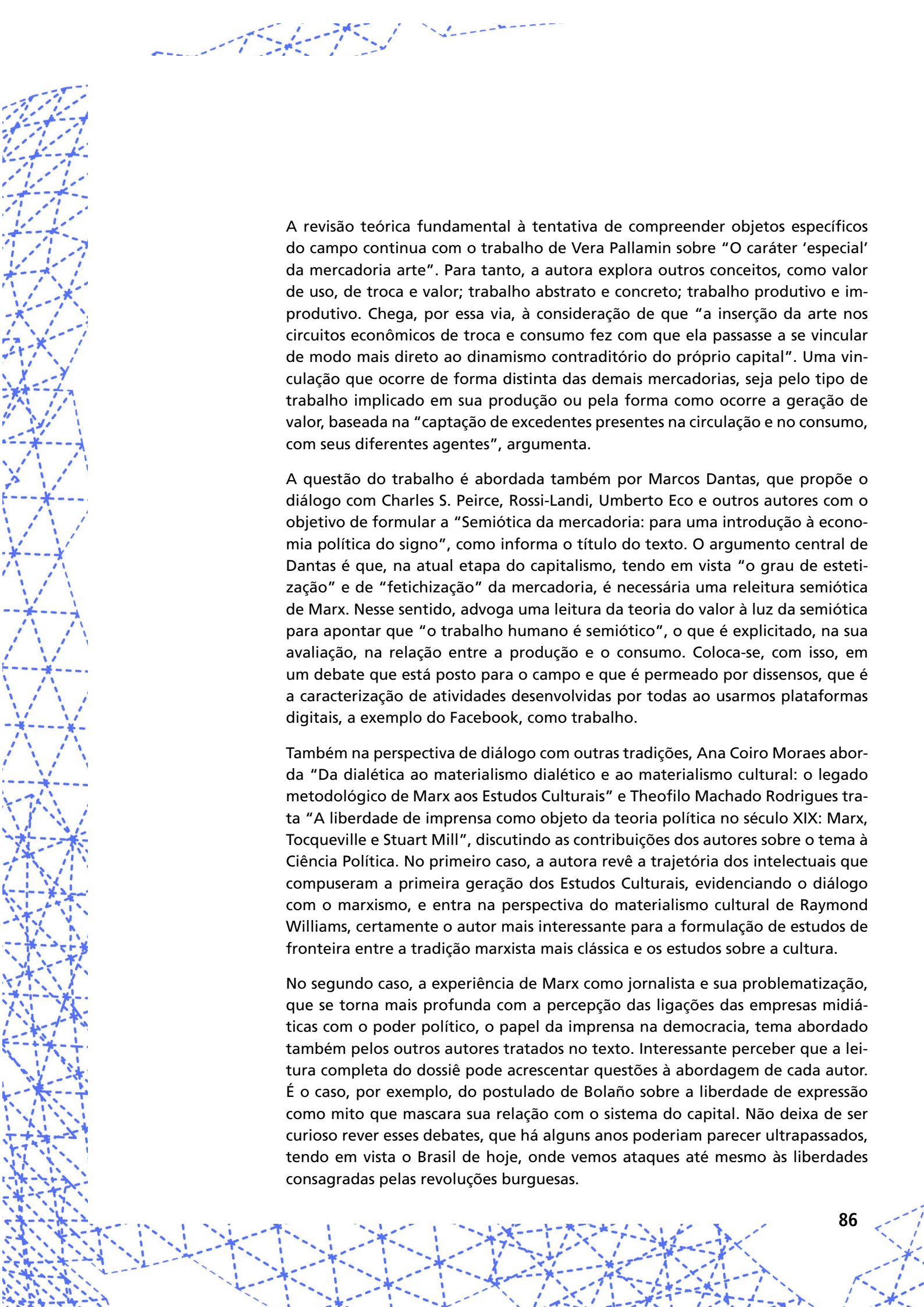


centro da conversa provocada por Helena Martins e Jonas Valente reside no papel das tecnologias no capitalismo hoje. Para Louçã, o paradigma tecnoeconômico estabelecido com a digitalização abre possibilidade de uma nova onda expansiva do capital. Ocorre que o sistema produtivo que nasce dele gera mais exploração e, portanto, resistências que o colocam em questão. A perspectiva exposta ajuda a entender a relação entre as novas tecnologias e os ataques a direitos, o que vemos, por exemplo, na proposição de reformas trabalhistas que legitimam a destruição de relações contratuais organizadas e fomentam a emergência, entre outros fenômenos, do que tem sido chamado de “uberização do trabalho”.

Se a entrevista aponta aspectos da realidade em mutação que ainda carecem de entendimentos, os artigos do dossiê aprofundam a análise de conceitos-chave do marxismo, além de resumirem a apropriação deles em nosso campo. O primeiro texto, “Crítica e emancipação nos estudos da informação, da comunicação e da cultura”, de César Bolaño, resume a conferência apresentada pelo autor em Cuba, em 2015, na qual situa a crítica da economia política da comunicação e da cultura no interior do materialismo histórico. Para tanto, resgata a elaboração de Marx sobre o capital e apresenta como, a partir dela, buscou compreender as relações entre capital, Estado e Indústria Cultural, fundamental para a análise da etapa atual, que conceitua como Terceira Revolução Industrial e que aponta ser marcada pela crescente subsunção do trabalho intelectual no capital.

Na sequência, abre-se um debate sobre a própria obra de Bolaño, com o texto “O caráter fetichista da informação necessária no momento da circulação simples”, de Manoel Dourado Bastos. Reconhecendo a contribuição daquele à Economia Política da Comunicação – como em relação mesmo aos primeiros estudiosos marxistas que abordaram a comunicação – por valer-se do método e das conclusões a que Marx chegou em *O Capital*, Bastos critica o que considera ter sido o caminho adotado por Bolaño para a particularização da informação no momento da circulação simples, especificamente a utilização do conceito habermasiano de mundo da vida, e propõe que o conceito de fetichismo da mercadoria deva ser tomado como o centro de uma crítica da economia política da comunicação.

O próprio Bolaño apresenta, no texto seguinte, sua réplica, evidenciando sua proposição de criticar a realidade e o pensamento que busca refleti-la, daí porque a abertura do diálogo crítico com Habermas, mantendo-se, ao mesmo tempo, centrado na leitura d’*O Capital*. A diferença em relação ao que Bastos aponta, conforme o autor, reside na amplitude de seu projeto, que busca não apenas apontar o caráter fetichista da informação, mas como ele complementa e reafirma em outro plano, o próprio caráter fetichista da mercadoria. A controvérsia é interessante porque permite o aprofundamento conceitual e a explicitação do percurso de elaboração de um projeto teórico reconhecido como uma das principais contribuições brasileiras à Economia Política da Comunicação em geral, com o qual muitos de nós dialogamos.

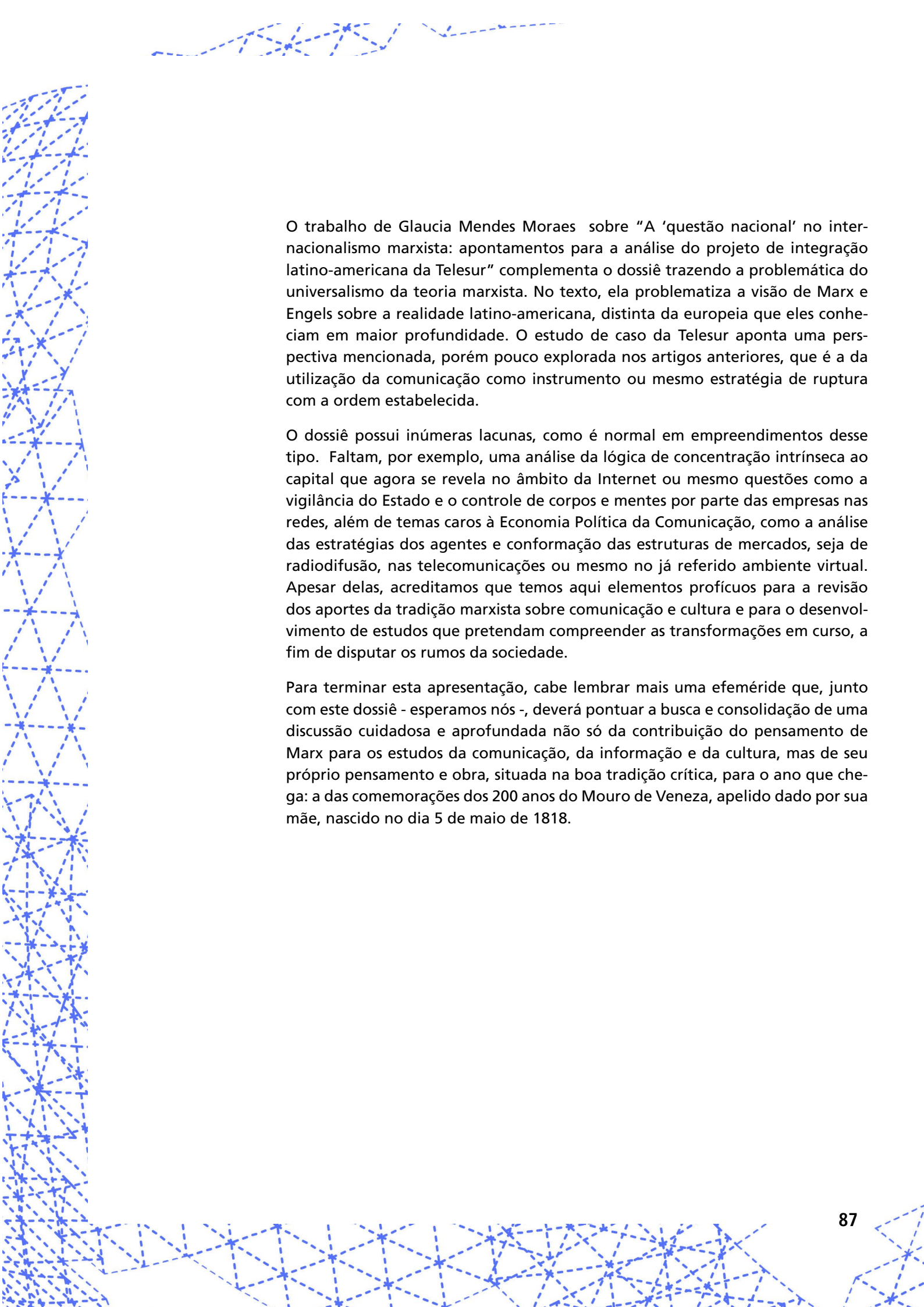


A revisão teórica fundamental à tentativa de compreender objetos específicos do campo continua com o trabalho de Vera Pallamin sobre “O caráter ‘especial’ da mercadoria arte”. Para tanto, a autora explora outros conceitos, como valor de uso, de troca e valor; trabalho abstrato e concreto; trabalho produtivo e improdutivo. Chega, por essa via, à consideração de que “a inserção da arte nos circuitos econômicos de troca e consumo fez com que ela passasse a se vincular de modo mais direto ao dinamismo contraditório do próprio capital”. Uma vinculação que ocorre de forma distinta das demais mercadorias, seja pelo tipo de trabalho implicado em sua produção ou pela forma como ocorre a geração de valor, baseada na “captação de excedentes presentes na circulação e no consumo, com seus diferentes agentes”, argumenta.

A questão do trabalho é abordada também por Marcos Dantas, que propõe o diálogo com Charles S. Peirce, Rossi-Landi, Umberto Eco e outros autores com o objetivo de formular a “Semiótica da mercadoria: para uma introdução à economia política do signo”, como informa o título do texto. O argumento central de Dantas é que, na atual etapa do capitalismo, tendo em vista “o grau de estetização” e de “fetichização” da mercadoria, é necessária uma releitura semiótica de Marx. Nesse sentido, advoga uma leitura da teoria do valor à luz da semiótica para apontar que “o trabalho humano é semiótico”, o que é explicitado, na sua avaliação, na relação entre a produção e o consumo. Coloca-se, com isso, em um debate que está posto para o campo e que é permeado por dissensos, que é a caracterização de atividades desenvolvidas por todas as plataformas digitais, a exemplo do Facebook, como trabalho.

Também na perspectiva de diálogo com outras tradições, Ana Coiro Moraes aborda “Da dialética ao materialismo dialético e ao materialismo cultural: o legado metodológico de Marx aos Estudos Culturais” e Theofilo Machado Rodrigues trata “A liberdade de imprensa como objeto da teoria política no século XIX: Marx, Tocqueville e Stuart Mill”, discutindo as contribuições dos autores sobre o tema à Ciência Política. No primeiro caso, a autora revê a trajetória dos intelectuais que compuseram a primeira geração dos Estudos Culturais, evidenciando o diálogo com o marxismo, e entra na perspectiva do materialismo cultural de Raymond Williams, certamente o autor mais interessante para a formulação de estudos de fronteira entre a tradição marxista mais clássica e os estudos sobre a cultura.

No segundo caso, a experiência de Marx como jornalista e sua problematização, que se torna mais profunda com a percepção das ligações das empresas midiáticas com o poder político, o papel da imprensa na democracia, tema abordado também pelos outros autores tratados no texto. Interessante perceber que a leitura completa do dossiê pode acrescentar questões à abordagem de cada autor. É o caso, por exemplo, do postulado de Bolaño sobre a liberdade de expressão como mito que mascara sua relação com o sistema do capital. Não deixa de ser curioso rever esses debates, que há alguns anos poderiam parecer ultrapassados, tendo em vista o Brasil de hoje, onde vemos ataques até mesmo às liberdades consagradas pelas revoluções burguesas.



O trabalho de Glaucia Mendes Moraes sobre “A ‘questão nacional’ no internacionalismo marxista: apontamentos para a análise do projeto de integração latino-americana da Telesur” complementa o dossiê trazendo a problemática do universalismo da teoria marxista. No texto, ela problematiza a visão de Marx e Engels sobre a realidade latino-americana, distinta da europeia que eles conheciam em maior profundidade. O estudo de caso da Telesur aponta uma perspectiva mencionada, porém pouco explorada nos artigos anteriores, que é a da utilização da comunicação como instrumento ou mesmo estratégia de ruptura com a ordem estabelecida.

O dossiê possui inúmeras lacunas, como é normal em empreendimentos desse tipo. Faltam, por exemplo, uma análise da lógica de concentração intrínseca ao capital que agora se revela no âmbito da Internet ou mesmo questões como a vigilância do Estado e o controle de corpos e mentes por parte das empresas nas redes, além de temas caros à Economia Política da Comunicação, como a análise das estratégias dos agentes e conformação das estruturas de mercados, seja de radiodifusão, nas telecomunicações ou mesmo no já referido ambiente virtual. Apesar delas, acreditamos que temos aqui elementos profícuos para a revisão dos aportes da tradição marxista sobre comunicação e cultura e para o desenvolvimento de estudos que pretendam compreender as transformações em curso, a fim de disputar os rumos da sociedade.

Para terminar esta apresentação, cabe lembrar mais uma efeméride que, junto com este dossiê - esperamos nós -, deverá pontuar a busca e consolidação de uma discussão cuidadosa e aprofundada não só da contribuição do pensamento de Marx para os estudos da comunicação, da informação e da cultura, mas de seu próprio pensamento e obra, situada na boa tradição crítica, para o ano que chega: a das comemorações dos 200 anos do Mouro de Veneza, apelido dado por sua mãe, nascido no dia 5 de maio de 1818.